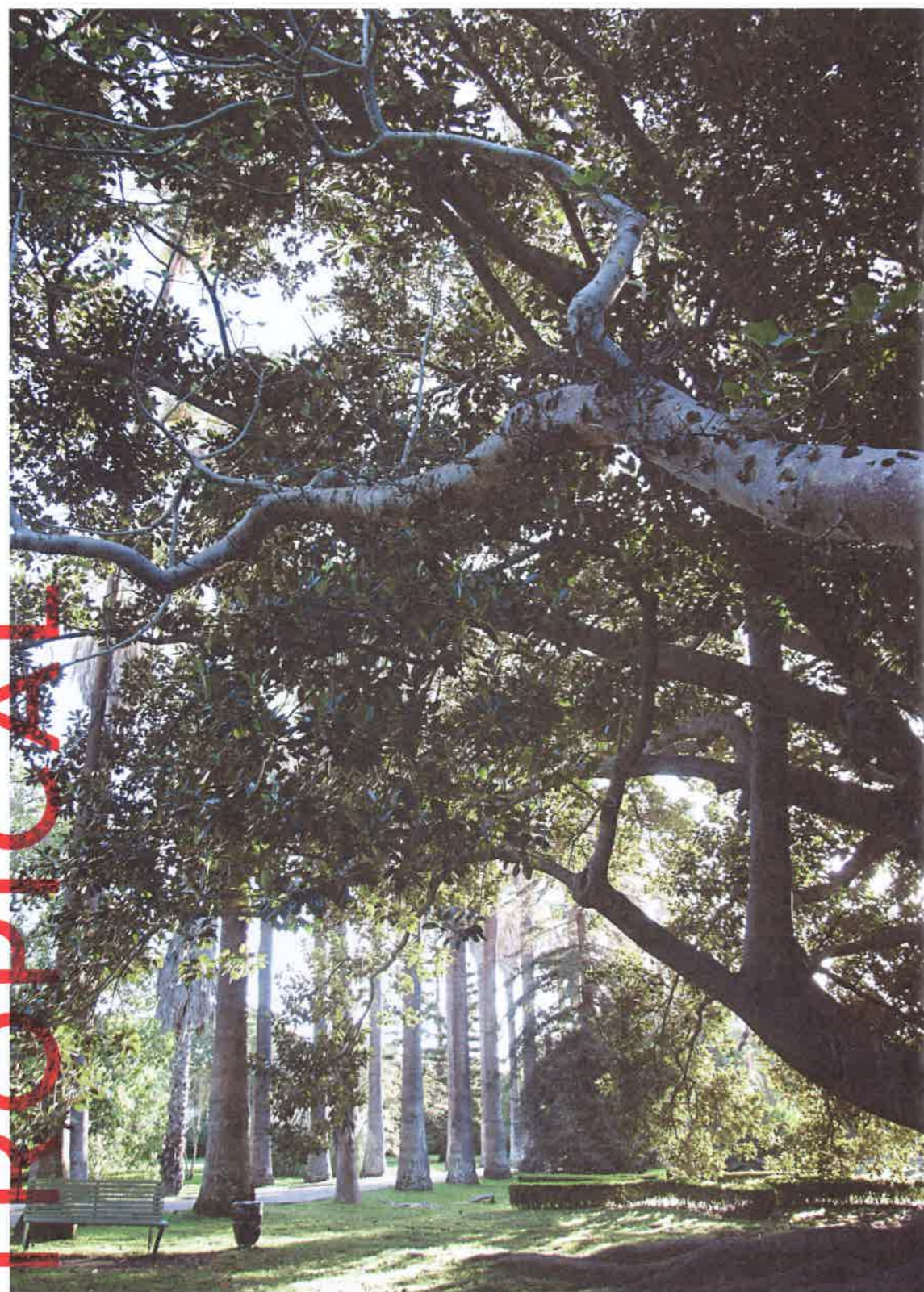


UM JARDIM COM HISTÓRIA
E COM HISTÓRIAS

JARDIM BOTÂNICO TROPICAL



A Universidade de Lisboa integrou no seu património o Jardim Botânico Tropical, que conta já 110 anos. O novo programa irá promover a sua relevância histórica, cultural e científica.

Fotografias Susana Ribeiro Martins

Páginas anteriores
Vistas gerais
do jardim.

Nesta página
Xiloteca.

A Universidade de Lisboa integrou, a 31 de julho de 2015, o Jardim Botânico Tropical (JBT). Anteriormente sob a alçada do Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT), a gestão do Jardim é agora efetuada em conjunto com o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) e o Jardim Botânico de Lisboa. José Pedro Sousa Dias, diretor do MUHNAC, tem a seu cargo o programa da Universidade para o JBT, cuja preservação, tanto da zona verde quanto do edifício, é uma preocupação que data pelo menos de 2005, tal como indicado no relatório desse ano do IICT.

O programa abrange o Palácio dos Condes da Calheta e a zona verde do Jardim, pretendendo unificá-las e transformá-las, nos próximos três a quatro anos, num espaço museográfico dedicado ao conhecimento científico nos descobrimentos, expansão e colonização portuguesas, com incidência sobre a navegação, a zoologia, a botânica e a medicina.

No Palácio, o programa expositivo estará a cargo do MUHNAC em colaboração com outras unidades de investigação, como o

Centro de História da Universidade de Lisboa, onde foram integrados os investigadores do Departamento de História do IICT. É no primeiro piso do Palácio, constituído por doze salas, que se vai concentrar a exposição permanente em que serão utilizadas as coleções científicas do IICT e do MUHNAC, sendo as mais importantes deste último as coleções de desenho das expedições de Alexandre Rodrigues Ferreiro e outros naturalistas do séc. XVIII, e o herbário de Frederic Welwitsch, colhido em Angola no séc. XIX. Uma das preocupações na montagem deste espaço expositivo será a integração da azulejaria dos sécs. XVII e XVIII, com destaque para a Sala das Batalhas e a Sala de Caça.

Duas das maiores salas do Palácio encontram-se ocupadas pela xiloteca, uma coleção de amostras de madeiras, considerada a mais completa do país. As amostras são maioritariamente de origem tropical, originárias de África, do Brasil, do Japão, da China e da Austrália. A xiloteca permanecerá no Palácio, assim como as reservas do antigo Museu Agrícola Colonial e das coleções resultantes das missões cartográficas, geográficas, botânicas, florestais, agronómicas, etnológicas e antropológicas realizadas nos vários continentes a partir do início do séc. XX. O Herbário do IICT, atualmente no edifício da Travessa do Conde da Ribeira, transitará para o Herbário do Jardim Botânico de Lisboa.

Está neste momento prestes a ser publicado um catálogo que elencará o património edificado e vegetal do JBT. A coordenação é de Maria Cristina Duarte, que dirigiu o JBT desde 2008 até este deixar de estar sob a alçada do IICT, e foca-se nas cerca de 600 espécies pertencentes a mais de 100 famílias botânicas.

Em 2017, o Palácio será ocupado com uma programação organizada pelo Museu do Design e da Moda (MUDE) e pela Universidade de Lisboa. Ao longo deste período será mantido um programa educativo e cultural centrado nas reservas visitáveis, na xiloteca, nos azulejos e na flora tropical.



O programa da U Lisboia abrange o Palácio dos Condes da Calheta e a zona verde do Jardim, pretendendo unificá-los num espaço museográfico dedicado ao conhecimento científico nos descobrimentos, expansão e colonização portuguesas.

Jardim Botânico Tropical, ao longo dos seus 110 anos de existência, já contou com várias mudanças de ordem geográfica, morfológica e administrativa. Localiza-se atualmente no Largo dos Jerónimos, na zona monumental de Belém, em Lisboa, mas quando foi criado em 1906, sob a tutela do antigo Instituto Superior de Agronomia, chamava-se Jardim Colonial e situava-se nas Estufas do Conde de Farrobo (o local onde é hoje o Jardim Zoológico).

Dos sete hectares do Jardim, dois são ocupados por património imobiliário. O Palácio dos Condes da Calheta data do séc. XVII e foi no seu pátio que se deu o atentado a D. José I, tendo o julgamento dos Távoras tido lugar no próprio Palácio, que na altura albergava várias secretarias de Estado. A estatuária distribuída pelo Jardim data do séc. XVIII e tem origem italiana e portuguesa: podem encontrar-se obras de Giuseppe Mazzuoli (a «Morte de Cléopatra») e Bernardo Ludovici (a «Caridade Romana»)

Nesta página
(Sentido ponteiros do relógio)

Cotoneaster
(*Cotoneaster lacteus*).

Dragoeiro
(*Dracaena draco*).

Sequoia plantada pelo
major de Nova Iorque,
Robert F. Wagner, Jr.,
em 1962.



Nesta página
Um dos 14 bustos de
Manuel de Oliveira.

Na página seguinte
(Sentido ponteiros do relógio)
Palmeira-de-guadalupe
(*Brahea edulis*).

Detalhe da *Ficus
sycomorus*, o sicómoro
ou figueira-de-áfrica,
cujos frutos crescem
junto ao tronco.

Em primeiro plano,
Ficus macrophylla, ou
figueira-da-austrália.
Ao centro, *Ficus religiosa*,
ou figueira-dos-pagodes.

– compradas por D. João V –, assim como da oficina de Machado de Castro, escultor da Casa Real («Éolo, Deus dos Ventos»).

O Palácio integrou o Jardim em 1914, aquando da realocização na Cerca do Palácio de Belém, passando a funcionar nas suas instalações o Museu Agrícola e Colonial. Se o Jardim tinha como função principal o estudo e o cultivo, quer de plantas e sementes para fornecimento das colónias portuguesas, quer dos espécimes que advinham destas, o Museu dedicou-se à divulgação do conhecimento dos produtos agrícolas e florestais do ultramar, sendo mais um instrumento do ensino da agronomia. Desta altura permanece a denominada «Casa do Jardineiro», local de trabalho de Henry Navel, o jardineiro paisagista francês que desenhou o Jardim.

A Estufa Principal, edificada em ferro e vidro, foi construída também em 1914. O cimo da Estufa é percorrido por um passadiço anteriormente utilizado para operações de manutenção, como, por exemplo, o cair das janelas de vidro e das paredes em tempo quente para que o interior não atingisse temperaturas demasiado elevadas. Em 1947 foram acrescentadas à Estufa Principal duas outras estufas, permitindo manter três corpos com temperaturas diferentes de modo a albergar, separadamente, espécies africanas, asiáticas e americanas. Ainda se encontram na Estufa Principal espécies da altura em que o Jardim se localizava nas Estufas do Conde de Farrobo. Neste período de 1912-14, houve uma celebração da realocização do Jardim, na qual o primeiro Presidente da República Portuguesa, Manuel de Arriaga, plantou um exemplar de uma palmeira-de-guadalupe (*Brahea Edulis*) que pode ser visto perto do final da alameda principal, ladeada em toda a sua extensão por palmeiras das espécies *Washingtonia filifera* e *Washingtonia robusta*.

A Exposição do Mundo Português, em 1940, concentrou no Jardim a Secção Colonial. Surgem nesta altura construções que, edificadas com intuito provisório, marcam a morfologia e a identidade do Jardim. A «Casa de Chá» – então chamada «Restaurante Co-

lonial» – permanece, tal como a «Casa da Direção», antes denominada «Casa Colonial», por ser um modelo do que deveriam ser as casas dos portugueses nas colónias. É constituída por dois pisos e o interior apresenta, no piso térreo, o chão e as paredes revestidos de azulejaria da Fábrica de Sant'Anna. No exterior encontra-se a «Casa do Leão» (que, na Exposição do Mundo Português, albergou um leão vivo), o «Lago das Cobras» e vários painéis de azulejo, assim como um baixo-relevo de Manuel de Oliveira, autor também dos 14 bustos que se encontram distribuídos em pares pelo Jardim. Estes bustos foram produzidos com o objetivo de representar os povos das antigas colónias, africanas e asiáticas, e estavam dispostos ao longo dos bambus que demarcavam a zona do Arco de Macau.

O Arco assinalava a entrada para a réplica de uma rua de Macau, onde era encenado o comércio tradicional. Após o término da Exposição do Mundo Português, houve uma movimentação para que se mantivesse no Jardim um espaço evocativo do Oriente, tendo sido criado em 1949 o «Jardim Oriental». O Pavilhão das Matérias-Primas, onde ainda se encontram armazenadas madeiras tropicais, data também de 1940.

A designação do Jardim é alterada para Jardim e Museu Agrícola Colonial em 1944, e em 1951 para Jardim e Museu Agrícola do Ultramar, por ter passado para a tutela da Junta de Investigações do Ultramar. A vocação para o ensino agrícola tropical que inicialmente definia o Jardim foi acompanhada por uma vertente económica, daí a abundância de espécies alimentares. A «Ilha das Fruteiras», localizada no centro do lago – onde habitaram, durante a Exposição do Mundo Português, membros de uma tribo do Arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau – é disso exemplo, contendo espécies como a goiabeira (*Psidium guajava*), a macadâmia (*Macadamia tetraphylla*), ou o abacateiro (*Persea americana*).

Em 1983 o Jardim passa a designar-se Jardim-Museu Agrícola Tropical quando fica sob a alçada do IICT. As suas competências



Em 1913, o primeiro Presidente da República Portuguesa, Manuel de Arriaga, plantou um exemplar de uma palmeira-de-guadalupe (*Brahea Edulis*).



A Exposição do Mundo Português, em 1940, concentrou no Jardim a Secção Colonial. Surgem nesta altura construções que marcam a morfologia e a identidade do Jardim.

passam a ser de natureza didática, científica e cultural, pretendendo-se o desenvolvimento e a manutenção, quer de plantas vivas das zonas tropicais e subtropicais, quer de materiais artefactos e produtos agrícolas e florestais, assim como a continuação de um intercâmbio científico e museológico já presente desde a criação do Jardim.

Embora as espécies comuns sejam em número elevado, Maria Cristina Duarte refere que, «ao longo dos anos, o papel do jardim foi-se redefinindo, não se mantendo apenas a linha das plantas úteis», sendo de realçar as espécies em vias de extinção que alberga, como a cica (*Cycas*), a palmeira-da-goma (*Dioon*) e o encefalarto (*Encephalartos*). À medida que se avança pela alameda principal, pode observar-se uma sequoia plantada pelo *major* de Nova Iorque, Robert F. Wagner, Jr., em 1962, e um conjunto de três exemplares da espécie *Ficus*: a *Ficus macrophylla*, ou figueira-da-austrália, um dos maiores exemplares da Europa; a *Ficus religiosa*, ou figueira-dos-pagodes, de origem asiática, conhecida como a árvore debaixo da qual Buda foi iluminado; e a *Ficus sycomorus*, o sicómoro ou figueira-de-áfrica. Da *Ginkgo biloba*, a planta com mais resistência a agentes mutagénicos (floresceu a um quilómetro do centro de Hiroshima, um ano após o bombardeamento), estão preservados no Jardim vários exemplares, supondo-se extinta no seu habitat natural. A ár-

vore mais antiga do acervo é uma iúca-pata-de-elefante (*Yucca*), que está perto de completar duzentos anos. É possível ver ainda dragoeiros (*Dracaena draco*), característicos pela sua seiva vermelha, araucárias cujas pinhas chegam aos 5 kg e exemplares de sumaúma (*Ceiba speciosa*), que exhibe a particularidade de realizar a fotossíntese pelo tronco espinhoso.

Maria Cristina Duarte explica que «o jardim tem uma especificidade que deve ser preservada», importância essa notada, por exemplo, aquando da EXPO'98, em que o Jardim albergou plantas oriundas de outros países para um processo de aclimatização e quarentena. Além disso, o Jardim publica anualmente o *Index Seminum*, uma lista das sementes existentes no seu espaço. Estas sementes são recolhidas e trocadas entre instituições congéneres mundiais para benefício do ensino e da investigação. A participação neste intercâmbio é crucial para conservar as espécies, nomeadamente as extintas ou em vias de extinção, preservando-as através da diversificação dos locais onde se encontram.

Em 2007, o Jardim foi classificado como Monumento Nacional pelo Ministério da Cultura. Esse foi também o ano em que passou a ter a designação pela qual hoje é conhecido – Jardim Botânico Tropical. •

Nesta página
Pormenores dos azulejos da Fábrica de Sant'Anna, no interior da Casa da Direção.



Nesta página
(Sentido ponteiros do relógio)

Janela da Casa da Direção.

Pormenor da Porta da Lua, que assinala o término do Jardim Oriental.

Pormenor do pátio exterior da Casa da Direção, com painel de azulejo da autoria do pintor Mário Reis.